

**Comissão Estadual da Verdade - Pará**

**Grupo de Trabalho Memória e Ditadura**

**Linha Temática Ditadura e Gênero**

## **Seminário**

# **"As mulheres e a resistência à ditadura no Pará"**

**Membro da CEV-PA**

João Lúcio Mazzini

**Pesquisador**

Jaime Cuéllar Velarde

Belém - Pará

2015

## NOTA BIOGRÁFICA DE LEILA MARIA TAVARES JINKINGS

Nasceu em Belém (PA), em 04 de maio de 1955.

Filha de Raimundo Jinkings e Isa Tavares Jinkings.

Casada com José Alberto Melo Silva, entre 1974-78.

Casou novamente, em 1995, com Hércules Sidnei Pires Liberal, que conheceu no Comitê Central do PCB.

Estudou o curso primário na escola do BASA (Banco da Amazônia). O secundário, no colégio Santa Maria de Belém.

Fez Arquitetura na UNB e por lá ficou entre 1975-1981

Cursou a Graduação de Jornalismo, em Brasília e Recife (2008-2012). A partir daí se interessou em documentário/cinema. Atividade que exerce nos dias atuais.

Cresceu em ambiente familiar com valorização positiva nos ideais do Socialismo. Certa vez, conta, ao ser xingada de *filha de comunista*, perguntou aos pais do que se tratava. Quando foi informada do que se tratava, passou a ter orgulho e, em resposta a tais xingamentos, devolvia com *filhos de fascistas*.

Em Brasília, seguiu o mesmo ímpeto pela política no movimento estudantil. Mas não era vista com bons olhos por ser de grande atividade e isso causava 'desconfiança' entre os alunos mais velhos. Eram tempos de infiltrações entre os estudantes.

Teve duas filhas nesse período, o que atrasou o curso. Na faculdade, não tinha articulação com qualquer partido. Não confiava em ninguém.

O quadro mudou de figura em episódio de criação da Associação de Pais e Alunos da UnB. Na ocasião, ganhou destaque pela ação corajosa de entregar carta de exigências ao Ministro da Educação Nei Braga. Hoje reconhece o cunho demasiadamente pesado daquela carta, mas naquele momento, com ajuda da mãe, chegou a entregar o documento. Após repressão, inclusive com ocupação do Exército, da Universidade, saiu com imagem reconhecida. A partir de então, o movimento estudantil passou a reconhecê-la como importante quadro.

A partir de 1978-79 passou a interessar-se pela fotografia. Sua paixão por essa atividade recebeu apoio dos pais que lhe compraram bom equipamento. Pelo entusiasmo, ganhou bolsa de estudo para curso de fotografia e, ainda por cima, foi privilegiada com acesso livre ao laboratório de revelações de filmes. Era uma das prestigiadas alunas que ganhara confiança da "Ágil" - agência de foto jornalismo, como se fosse uma cooperativa.

A partir daí, dedicou-se à atividade de foto jornalismo.

Retornou a Belém, em dezembro de 1981. Estava sendo organizada a Frente Democrática de Oposição. Era um movimento pelas eleições de embate entre a situação (ditadura) e a oposição (MDB). A família Jinkings seguia no engajamento de sempre e por isso, acho chegar, dedicou-se

ao máximo nessa empreitada. Eram os tempos de início da redemocratização.

Com a tarefa do fotojornalismo, cobriu a campanha do representante do MDB, Jáder Barbalho. Chegou a escrever um livro sobre o episódio foi intitulado "PMDB Eleições de 1982". Grande parte das articulações daquela eleição se passou na Livraria Jinkings, o pai e Jáder Barbalho sempre trocavam ideias por lá. Isto a transformou em testemunha ocular dos fatos da redemocratização no Pará, com importantes registros imagéticos feitos sob sua lente. Sua importância aumenta mais ainda por ter sido ela uma das principais informantes das revistas IstoÉ e Veja.

A apuração das eleições também foi coberta pelo livro, com atuação em Marabá. Mandava notas para o JB, mas não assinava por que era comum não assinar. Jarbas Passarinho, na ocasião, ao chegar na cidade, foi informado sobre esse trabalho de jornalismo feito contra a ditadura. Tentou saber sobre quem era o responsável por esta atividade chamada de subversiva pelo Coronel, mas não logrou êxito pelo anonimato garantido pela "Ágil".

Outro episódio que denota sua importância foi a cobertura no julgamento do caso da Morte de Gabriel Pimenta. Este era advogado, bem jovem, que trabalhava com posseiros na região de Marabá, apoiado pela Igreja Progressista. O mesmo foi assassinado e a cobertura foi bastante tensa pelo ambiente hostil, de pistolagem. Certa vez, houve tal perigo de morte, e foi preciso fugir às pressas, de noite. Constante medo de ameaças pelo trabalho de fotografia.

Em 1982, pelo julgamento dos padres franceses Aristides Camio e Francisco Goriou. Foi a 1ª pessoa a chegar no julgamento na Rua São Jerônimo, Tribunal da Auditoria Militar - esquina com Benjamim e Rui Barbosa. Não foi autorizada a entrar como jornalista mesmo tendo credencial. Acredita que a proibição foi pelo sobrenome. Se apresentou como foto jornalista pra revista IstoÉ, em mediação pela "Ágil". Ficou tentando entrar a manhã inteira. Por intervenção de Jiran "de tal", conseguiu entrar após o meio dia, depois do almoço.

Em 1985, com a legalidade do PCB, foi eleita para o Comitê Estadual. A partir de 1991, engajou-se no embate aos propósitos de Roberto Freire, que anos depois, em 1992, formaria o PPS e contribuiria decisivamente para desarticular o PCB no Brasil e no Pará. Na luta de defesa do PCB, em janeiro de 1992, em São Paulo, no Teatro Zaccaro, tomou parte da criação do Movimento Nacional de Defesa do PCB. Visava a preservação da identidade marxista leninista.

Como dirigente do PCB, expulsou vários quadros do partido. Objetivava depurar os quadros para manter a essência daquilo que acreditava e viu a família sempre defendendo.

Razões para expulsão do PCB:

**Entrismo** - reuniões com trotskistas dentro do partido. Deveria ser uma determinação do partido e não decisão pessoal. Articular com outros partidos, sem somar.

**Desonestidade** - não prestar de determinadas ações com o dinheiro, patrimônio.

**Falta de compromisso político** - sem assumir os estatutos do partido. Quadros que renegaram o marxismo e leninismo.

"FOMOS, SOMOS E SEREMOS COMUNISTAS" era o lema comunista dos que permaneceram no partido e é assim que se define até a confecção deste documento.